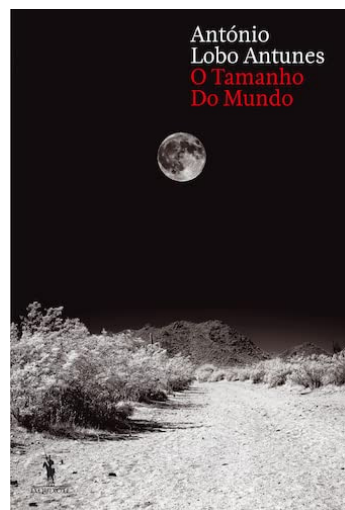


RESENHA DE *O TAMANHO DO MUNDO*, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

REVIEW OF *O TAMANHO DO MUNDO*, BY ANTÓNIO LOBO ANTUNES

*Paulo Rodrigues Ferreira*¹



O tema do descontentamento da idade adulta é recorrente na ficção de António Lobo Antunes, e cada personagem carrega o peso de angústias existenciais derivadas da consciência da brevidade da vida. Essas angústias são aprofundadas por sentimentos coletivos de luto decorrentes da posição periférica de Portugal no mundo e de atribulações políticas e económicas que impactam a rotina dos portugueses. No seu mais recente romance, **O Tamanho do Mundo** (2022), Lobo Antunes explora a história de um velho empresário que, confinado na sua casa esperando a morte, imerso numa solidão medida, como se diz em diferentes páginas, “pelos estalos dos móveis à noite” (Antunes, 2022, p. 11), “pela dor escondida” (Antunes, 2022, p.12), “pelos estalos dos móveis à noite quando uma mulher dorme ao nosso lado na cama e portanto estamos sozinhos” (Antunes, 2022, p. 65), ou “pelas embalagens de iogurte vazias, com uma colherzinha de café lá dentro” (Antunes, 2022, p. 67), rememora vivências e diálogos com gente desaparecida, em particular com uma mulher de condição social inferior com a qual teve uma filha ilegítima, a qual diz ter abandonado “por infantilidade, por estu-

pidez, por egoísmo” (Antunes, 2022, p. 70). Como em livros anteriores, esta narrativa não-linear e fragmentada desenrola-se nos bairros de Lisboa, onde os protagonistas, atormentados pela insónia e pelo isolamento, relembram a infância e a felicidade desaparecida. Um tema recorrente é a oscilação entre as memórias da meninice e da juventude, fontes de nostalgia, e a desilusão provocada pela vida presente (Seixo, 2011, p. 28). Isto ocorre porque, na ficção do autor, as lembranças da infância constituem um refúgio para os desgostos de uma vida adulta marcada por agruras não debeladas por fugazes momentos de contentamento. Neste específico romance, a todo o momento essas lembranças recentram o velho empresário num tempo anterior ao da degenerescência física em que a filha, ainda criança, lhe sorria no parque, e o mundo patriarcal lusitano se ajoelhava à sua passagem.

A Lisboa apresentada em **O Tamanho do Mundo** evoca uma melancolia empobrecida por crises económicas e contempla uma mortalidade desde logo vomitada pelas inúmeras fachadas de prédios em ruínas, como se fosse um espelho que reflete os aflitos sentimentos dos seus habitantes e uma representação de uma cultura habituada a ruminar sobre defuntas épocas de glória. Este romance não apenas retrata a morte de lisboetas anónimos devido à velhice e a doenças oncológicas, mas também o declínio e o desaparecimento de locais amados, a extinção dos jardins, dos parques, das caras que povoavam uma Lisboa de outrora. Embaciando uma narrativa cujo enredo se parece esgotar no sentimento de perda de um pai que descurou a relação com a filha, as vozes polifónicas pintam um quadro de nostalgia dos tempos em que o regozijo era genuíno e confirmam que não há culpa ou arrependimento que façam renascer o que permaneceu no passado. O cenário é, pois, uma capital portuguesa em decadência, repleta de doentes, desempregados, mendigos, ambulâncias e pombos famintos “bicando pedrinhas” (Antunes, 2022, p. 40). É uma Lisboa de classe média baixa onde abundam madames divorciadas e viúvas, como a “colega mais velha, de peito grande e sapatos quase de homem” (Antunes, 2022, p. 54), entregues a casos extraconjugais com advogados, engenheiros e empresários como o protagonista, autênticos senhores feudais numa sociedade a procurar modernizar-se. Acentuando a situação de catástrofe civilizacional portuguesa, há também referências a ex-combatentes enlouquecidos pela guerra em África que, depois de “se terem acabado as caravelas” e uma era colonial mistificada pela ditadura de Salazar, só não pedem esmola nas ruas da capital por dignidade (Antunes, 2022, p. 82).

No que diz respeito ao estilo de escrita e às técnicas literárias utilizadas por Lobo Antunes nesta narrativa, o poder da memória organiza-se num conjunto de vozes amalgamadas num vórtex de tempos passados e presentes. Condensando uma variedade de discursos na primeira pessoa, os narradores criam uma ficção repleta de repetições e obsessões, e constroem um universo mnemónico pessoal, a partir do qual moldam uma trama fragmentada da qual pouco se extrai para além da voz desse pai ausente,

arrependido de pecados antigos. Através de onomatopeias e personificações, como as ambulâncias que se afastam a gritar (Antunes, 2022, p. 11), os objetos que “aumentam nos naperons, inclinados para mim a escutarem” (Antunes, 2022, p. 23) ou o “cãozito pensativo” (Antunes, 2022, p. 51), da repetição de palavras e frases, e até mesmo da busca constante para definir o significado da solidão, a narrativa pinta um quadro vívido de uma velhice enredada de dores. O pai ausente e a filha que ele acompanha de longe, guiando-a nos seus próprios empreendimentos profissionais sem nunca lhe falar e sem sair de si mesmo, revezam-se como narradores e comunicam, quase telepaticamente, partilhando as suas solipsistas experiências de abandono, e evocam torrentes de imagens aparentemente díspares cuja intenção faz o leitor sentir a melancolia resultante da passagem inglória pela existência, num turbilhão de cores e sensações. Além disso, o tempo é circular e as etapas da existência cruzam-se por meio de diálogos e interjeições, frases dispersas atribuídas a figuras não nomeadas como o pai que “mastigava” a ponta do cigarro o dia inteiro (Antunes, 2022, p. 18), a mãe “de tornozelo defunto e um ódio inútil por mim” (Antunes, 2022, p. 19), ou o avô “quase todo dentro do boné, enevoadado de fumo” (Antunes, 2022, p. 20). Esses fantasmas têm origem num passado ainda vivo, como ondas avançando e recuando na praia, acentuando a impressão de que nada existe, que ninguém morre ou vive verdadeiramente, e que nada do que se relata no livro tem real importância ou valor quando comparado com o peso do mundo. Ao longo do livro enfatiza-se que, ultrapassando a importância do momento presente e das agruras diárias, reside um reino ideal caracterizado por reuniões de almas separadas pela morte. Neste retrato, mostra-se que a essência de um indivíduo transcende os limites do tempo, exemplificado pela ideia de que o indivíduo que antecipa o abraço da morte se reunirá com um espírito muito mais jovem do que aquele que parte. No âmbito desta ideia estão símbolos como a “poltrona vazia” (Antunes, 2022, p. 78) e objetos que habitam o silêncio, corporizando a presença daqueles que partiram e ainda permanecem vivos. Nesta medida, o romance transmite a noção de que tudo já aconteceu, e a certeza da proximidade do final da vida está predeterminada desde o início, visto que o passado e o futuro se confundem no momento do nascer e do morrer. A morte e a infância aparecem nesta obra, não como limites definitivos do fim e do início da vida, mas sim como ponteiros de um relógio de sensações e experiências trazidas à tona por um sono que “empurrava fantasmas” (Antunes, 2022, p. 29). No mesmo parágrafo em que confessa ter conhecido a filha no recreio da escola, quando ela tinha três ou quatro anos, o homem à beira da morte anuncia que “aquilo que morre primeiro são as pálpebras, pisadas, escuras, sem nenhuma claridade dentro” (Antunes, 2022, p. 21). O sexo, ou a saudade dos tempos em que era praticado, está igualmente presente nas memórias deste empresário, cujas reflexões evidenciam os contrastes entre um presente de velhice e reclusão e um passado em que a mulher, mãe da filha não assumida, lhe gritava na cama “não pares” ou

“agora agora agora” (Antunes, 2022, p. 30). Em inúmeras páginas se repete a cena em que, rasgando-lhe “as costas com as unhas e as barrigas das pernas com os calcanhares” (Antunes, 2022, p. 70), essa mulher lhe pede que não faça barulho durante o ato sexual, para não acordar a menina adormecida (Antunes, 2022, p. 27). Da mesma forma, nos seus relatos, a filha entrelaça lembranças de ficar deitada na cama, quase como um bebê, ouvindo a mãe gemer durante o sexo, com as suas próprias experiências sexuais com um “cavalheiro” mais velho, “sem nenhum músculo o pobre, meu Deus como a pele se gasta depressa, rugosa, frágil” (Antunes, 2022, p. 43).

Há uma sensação generalizada de decadência neste romance. A vida parece desprovida de sentido e as personagens serpenteiam pelos quartos e pelas ruas de Lisboa com uma sensação palpável de perda. Esta perda poderia ser descrita como algo que Philip Rothwell rotulou de morte do pai simbólico (Rothwell, 2011, p. 89). Na verdade, uma mensagem que surge da leitura do texto de Lobo Antunes é que o simbolismo da paternidade, tradicionalmente visto como fonte de significado, ultrapassou a sua relevância e está a ser gradualmente eliminado numa nova cultura marcada por lutas político-econômicas e caos social. Nesta narrativa, a figura paterna representa não apenas a morte de um indivíduo, mas da própria nação — um país que abandonou os seus cidadãos a um destino de sofrimento, marcado pela depressão. O que mais se destaca na narrativa é, então, o arrependimento ou a constatação de que todas as lutas para enriquecer e conquistar prestígio social são vãs, pois, como observa o narrador masculino, a filha criança agora é mulher e “já não cabes no meu colo, já não te vejo dormir” (Antunes, 2022, p. 69). Depois, destaca-se a tristeza de perceber que o tempo desgasta as pessoas (Antunes, 2022, p. 68) e que só a memória transporta o sujeito para situações irrepetíveis: só sonhando, mergulhando em num plano imaginário, fora da realidade das rugas e da deterioração corporal, os humanos recuperam a frescura do passado e revivem momentos de “mãos dadas” com a filha “no parque com a mãe a olhar-nos de longe numa espécie de sorriso desvelado” (Antunes, 2022, p. 77). Em última análise, o que emerge da leitura das quase trezentas páginas desta obra é a ideia de que o esforço para recordar a felicidade passada é alimentado pela ilusão de viver, mesmo que seja à custa de “mentiras que ajudam” a esquecer o horror de ser um indivíduo, ou melhor, “um único corpo apenas” (Antunes, 2022, p. 113).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, António Lobo. **O Tamanho do Mundo**. Alfragide: D. Quixote, 2022.

ROTHWELL, Philip. The Demise of Paternal Meaning in *Explicação dos Pássaros*. In: V. K. Mendes. **Facts and Fictions of Antonio Lobo Antunes**. Dartmouth: Tagus Press / University of Massachusetts Dartmouth, 2011, pp. 89-96.

SEIXO, M. Alzira. Still Facts and Living Fictions: The Literary Work of António Lobo Antunes, an introduction. *In*: V. K. Mendes. **Facts and Fictions of Antonio Lobo Antunes**. Dartmouth: Tagus Press / University of Massachusetts Dartmouth, 2011, pp. 19-43.

Recebido para avaliação em 24/04/2024.

Aprovado para publicação em 29/06/2024.

NOTAS

1 Paulo Rodrigues Ferreira é leitor de português na University of North Carolina at Chapel Hill. Tem um doutoramento em História Contemporânea, com a tese **Iberismos, hispanismos e os seus contrários: Portugal e Espanha (1908-31)**. Publicou também livros de ficção, como **Uso Errado da Vida** (Companhia das Ilhas, 2019) finalista do prémio Eça de Queiroz. Ganhou ainda o prémio Ferreira de Castro / INCM com o romance **Ninguém Volta ao que Deixou**.